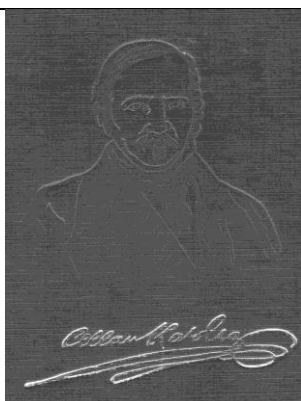


GEAE

GRUPO DE ESTUDOS AVANÇADOS ESPÍRITAS

BOLETIM GEAE | ANO 24 | NÚMERO 557 | MARÇO DE 2016

Fé inabalável é somente aquela que pode encarar a razão, face a face, em todas as épocas da humanidade" Allan Kardec



Grupo de Estudos Avançados Espíritas GEAE

Primeiro Grupo Espírita da Internet

Conselho Editorial:

Carlos Alberto Iglesia Bernardo
José Cid
Raul Franzolin Neto
Renato Costa
Sérgio Freitas

Os boletins e informações sobre utilização do material do GEAE encontram-se no site: <http://geae.net.br>

Editorial

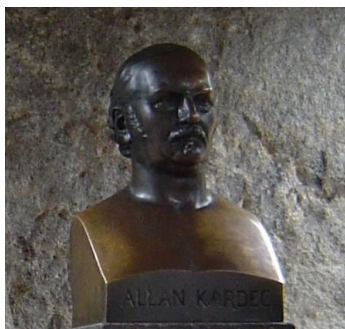
Em 2003, comemorando o aniversário de fundação do GEAE (Outubro), o editor Carlos Iglesia publicou interessante texto intitulado "Carta Aberta ao Prof. Rivail" em que coloca as divergências existentes no movimento espírita brasileiro. Agora, o médium psicógrafo, Raul Franzolin Neto, em concentração visando obter uma mensagem sobre a referida carta, recebe do espírito Fénelon a "Resposta à Carta Aberta ao Prof. Rivail".

Na seção "Nos Tempos da Codificação", publicamos, a segunda parte dos Caracteres da Revelação Espírita escrito por Allan Kardec. Essa publicação, primeiramente lançada na Revista Espírita de 1867 faz parte das obras da codificação espírita, tendo sido publicada também separadamente ou junto com outros artigos que resumem o trabalho do espiritismo. A revelação espírita apresenta detalhes do plano espiritual até então desconhecidos da humanidade e mostra as implicações extremamente relevantes em nossa vida atual e após a morte.

Sumário

[Carta Aberta ao Prof. Rivail](#) – Carlos Alberto Iglesia Bernardo

**[Resposta a Carta Aberta ao Prof. Rivail](#) – (Fénelon)
[Caracteres da Revelação Espírita - \(Parte II\)](#) – Allan Kardec**



Carta Aberta ao Prof. Rivail

Carlos Alberto Iglesia Bernardo

“Tenho certeza que o senhor se surpreenderia muito se tivesse visto, de seu escritório na Passage Sainte-Anne, em um momento de clarividência, o extenso campo de atividades que surgiria do seu trabalho.”

Caro Prof. Rivail,
Aproveitando neste mês de outubro as comemorações de seu aniversário de nascimento, gostaria de escrever-lhe algumas palavras em nome dos colegas do Grupo de Estudos Avançados Espíritas. O grupo também está comemorando seu aniversário, foi criado em outubro de 1992 e desde então tem se dedicado a reunir amigos no estudo da Doutrina Espírita pela Internet.

Inicialmente gostaria de parabenizá-lo pela data, que marca seu retorno ao plano terrestre em pleno século XIX, século de luzes incomparáveis em vários campos do conhecimento humano, e, que, graças ao trabalho que o senhor desenvolveu, também se destacou no estudo científico da mediunidade e das informações transmitidas através dela. Nós todos, que nos reunimos no GEAE e na infinidade de grupos espíritas que hoje se espalham por

todos os continentes, nos consideramos alunos seus, adeptos da doutrina filosófica, científica e moral que apresentou no Livro dos Espíritos e nas demais obras que o senhor assinou com o nome de Allan Kardec.

Tenho certeza que o senhor se surpreenderia muito se tivesse visto, de seu escritório na Passage Sainte-Anne, em um momento de clarividência, o extenso campo de atividades que surgiria do seu trabalho. Instituições de todos os tipos e tamanhos ostentam em seus objetivos a fidelidade aos princípios de trabalho, tolerância e caridade que tanto marcaram sua obra. Desde instituições de ensino para infância até os abrigos aos desamparados, desde hospitais renomados até singelas obras de visita aos necessitados, desde assistência espiritual em sessões especializadas até a palavra amiga aos que perderam toda a esperança, desde cursos doutrinários até as palestras educativas, por todo o lado se vê um ritmo

de atividades incessantes, buscando construir, pela instrução e pela reforma íntima, o mundo de regeneração que os espíritos previram.

Naturalmente continuamos seres humanos imperfeitos, em trabalho de burilamento na escola terrestre, e, por causa disso, ocorrem as vezes choques de interesses e de pequenas vaidades. Não é muito raro ver-se grupos que se dividem, principalmente após trocas de diretorias. Já se fizeram até anedotas sobre este fato, atribuindo a ele a grande quantidade de grupos existentes.

E no campo das ideias, parece que ainda não nos apercebemos que o mais importante não são as ideias, mas a forma de vivenciá-las. Que a melhor prova da validade de uma ideia é o quanto ela transforma para melhor os seus adeptos e não os quão acirrados são eles na sua defesa verbal. Apenas citando um exemplo, há um conterrâneo e contemporâneo seu, que por aqui tem dado muito "pano para manga". A obra dele em si mesma é inofensiva, o senhor a conheceu e lhe identificou as falhas, endereçando as soluções corretas na Revue Spirite e na "A Gênese", o pior é que há os que a admiram cegamente e os que nem podem ouvir falar dela. O assunto é tão velho, que um dos grandes pioneiros do Espiritismo no Brasil, o Dr. Bezerra de Menezes, já teve que lidar com o problema.

Há outras disputas ainda mais inúteis, como a que opõem os que defendem fortemente que o Espiritismo é uma religião e os que, com o mesmo ardor, não aceitam que o chamem assim. Como se os espíritos não nos tivessem advertido, logo no início do Livro dos Espíritos, que a escolha das palavras é um problema nosso e que há

conceitos que são impossíveis de traduzir corretamente em nossos idiomas atuais.

Mas, enfim, cito estes pequenos contratempos, apenas para não passar-lhe a impressão errônea de que já consideramos aprendidas todas as lições que nos deixou. Tenho certeza de que o senhor, como pedagogo experiente que é, não esperaria realidade muito diferente desta.

Muito nos falta a aprender! Felizmente a comunicação mediúnica é uma garantia segura da Doutrina e os espíritos não tem deixado de nos recordar insistentemente as lições que o senhor transcreveu em suas obras. Principalmente os princípios morais, solidamente ancorados nas palavras de Jesus.

Neste tema do aprendizado não posso deixar de mencionar também a ciência espírita, que tem trazido provas renovadas da reencarnação, aprofundado o estudo do perispírito e dos fenômenos mediúnicos, inclusive da comunicação com os espíritos através dos meios eletrônicos, a chamada transcomunicação. Um exemplo extraordinário deste trabalho científico é a obra do Dr. Hernani Guimarães Andrade, que recentemente retornou ao plano espiritual.

Como curiosidade deixe-me citar que o Brasil reúne um bom número de espíritos. São ainda uma porcentagem pequena da população, mas muito atuante, já fizeram com que o Espiritismo se incorporasse a nossa cultura. Como exemplo disso posso dizer que palavras como mediunidade, reencarnação, lei de causa e efeito, etc... já se tornaram corriqueiras e até em novelas aparecem rotineiramente.

Outra curiosidade digna de nota, é que aqui em São Paulo, onde moro, existe uma "Rua Espírita". Era originalmente a "rua do

espírita" Bатуíra, que lá viveu pelo início do século XX. Pessoa extraordinária, conhecida pelo muito que fez em favor do próximo, dirigiu um grupo que ainda existe. O grupo "Verdade e Luz", na Rua Espírita, completará no ano que vem 100 anos de existência.

Não entrarei em detalhes sobre a Internet, tecnologia que usamos para nossos estudos, pois com certeza não terminaria tão cedo esta carta.

Digo-lhe apenas que é uma das melhores ferramentas que temos atualmente para comunicação e nem imagino o que o senhor faria se a tivesse a disposição na época da Codificação Espírita. Quem sabe teria criado uma versão eletrônica da Revue Spirite e talvez a utilizasse para estabelecer trocas de informações rápidas com os grupos que,

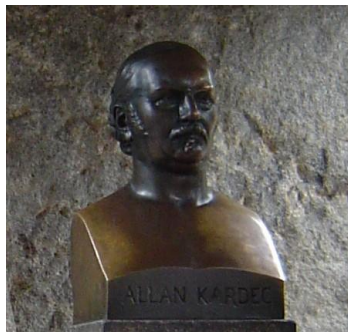
seguindo o exemplo da Sociedade de Paris, se estabeleceram para estudo da comunicação mediúcnica.

Estimado professor, perdoe-me a extensão das notícias, mas não é sempre que há uma oportunidade tão boa de escrever-lhe. Conto com a boa vontade dos amigos espirituais para que esta singela carta lhe chegue as mãos.

Do aprendiz,
Carlos Iglesias

(Artigo reproduzido do Boletim GEAE 464, outubro de 2003)

Resposta à Carta Aberta ao Prof. Rivail



(Fénelon)

“O nosso Allan Kardec não está parado como muitos imaginam e seus inimigos gostariam. Ele acompanha muito mais de perto que possam imaginar e, certamente, está feliz diante de magnífico progresso assim relatado.”

Estimado amigo Carlos,

Temos a felicidade de dizer algumas palavras em resposta a sua agradável carta que com certeza se refere a muitos amigos e amigas encarnadas e desencarnadas nesse momento.

Suas indagações e ponderações são dignas de nota de quem trabalhou arduamente em benefício de muitos no chão em que pisou anteriormente.

O mestre lionês acompanha de perto o movimento espírita mundial e especialmente brasileiro.

A simplicidade de outrora reflete no agora e sempre. Ele aguarda com muita serenidade o tempo em que as certezas serão maiores que as dúvidas do momento.

Os tempos sempre se refletiram em muita dificuldade de compreensão dada a amplitude dos espíritos no desenvolvimento intelectual e moral que marcam as fases da vida como um todo.

Progredir sempre, tal é a lei.

Não devemos nos acomodar com as inquietudes que passamos, assim como não devemos nos afobar e cairmos no deslumbre ilusório do maravilhoso.

A humildade é o melhor dos nossos sentimentos que adquirimos ao longo dos tempos com muito sofrimento ao passarmos pelos caminhos da humilhação, depressão, sentimento de inferioridade e escárnios humanos.

Mas ao atingirmos o patamar da sabedoria, somos capazes de discernir o joio do trigo, conforme o Mestre Jesus nos ensinou, em significado dos tempos lentos e cansativos e dos avanços na verdade, verdadeira.

Ao notificar os efeitos do crescimento do movimento espírita em fases de conflitos e união, reconhecemos o real seguimento dos fatos conforme já definido anteriormente e que continuarão no futuro.

Divergências serão convergidas à medida que a ciência descobre o véu da ignorância humana, facilitando o entendimento coerente e verdadeiro.

Quanta criação e inovação ocorre em ambiente de diversidade de pensamentos. A busca de solução de desconforto promove aprendizado constante e seguro.

O abuso do poder em condições inabilitadas marca o peso da inferioridade que partirá em busca de reparação e retorno em busca da verdade.

O nosso Allan Kardec não está parado como muitos imaginam e seus inimigos gostariam. Ele acompanha muito mais de perto que possam imaginar e, certamente, está feliz diante de magnífico progresso assim relatado.

Entretanto, não esperem que ele assuma as rédeas de tão ampla tarefa diante da infinita evolução da humanidade.

A semente foi muito bem semeada em solo arduamente preparado e fortalecido. Muitos colaboraram e edificaram a nova era. Não há mais o retroagir.

Outros continuam e continuarão esse exemplar trabalho, assim como, o lar infinito acolhe inúmeros missionários voluntários para a grande tarefa regenerada da Terra.

A cada novo tempo, o planejamento é redobrado e aqueles que não podem preservar atividades compartilhadoras da sustentabilidade da vida, deverão seguir outros mundos em defesa do planeta Terra.

A cada um dos sedentos ao trabalho da espiritualização do ser é dado a contribuir dentro das necessidades e equilíbrio da vida recebendo o mérito pelo forçoso bem maior. Como dissemos, jamais esqueçam a humildade! Porém, aqueles que querem atropelar o bem-estar das consciências, devem ficar atentos para evitar a horrível decepção e necessidade de reparos. Digo: Orai e Vigiai.

Enfim, reconhecemos os esforços e agradecemos profundamente a todos que empunham a bandeira da fraternidade com humildade e de mãos dadas oramos a Deus todo Poderoso ao lado do nosso querido irmão de trabalho no bem comum, Kardec.

Fénelon...

Mensagem psicografada por Raul Franzolin Neto (05/03/2016)



Caracteres da Revelação Espírita¹ - (Parte II)

Allan Kardec

“Para o Espiritismo, o homem sabe de onde vem, para onde vai, porque está na terra, porque aí sofre temporariamente e por toda a parte vê a justiça de Deus.”

21. Como profeta, *Moisés* revelou aos homens o conhecimento de um Deus único, soberano senhor e criador de todas as coisas; ele promulgou a lei do Sinai e lançou os fundamentos da verdadeira fé; como homem, foi o legislador do povo, pelo qual essa fé primitiva, depurando-se, devia um dia espalhar-se por toda a terra.

22. O *Cristo*, tomando da antiga lei o que é eterno e divino, rejeitando o que apenas era transitório, puramente disciplinar e de concepção humana, acrescenta a *revelação da vida futura*, da qual *Moisés* não havia falado, a das

penas e recompensas que esperam o homem depois da morte (Vide *Revista Espírita*, vol. IV, ano de 1861).

23. A parte mais importante da revelação do *Cristo*, no sentido em que ela é a fonte primeira, a pedra angular de toda a sua doutrina, é o ponto de vista inteiramente novo, sob o qual faz encarar a divindade. Não é mais o Deus terrível, ciumento e vingativo de *Moisés*, o Deus cruel e impiedoso que rega a terra com o sangue humano, que ordena o massacre e o extermínio dos povos, sem excetuar as mulheres, as crianças e os velhos, que castiga os que poupam as

¹Este artigo é extraído de uma nova obra que neste momento se acha no prelo e que aparecerá antes do fim do ano. Uma razão de oportunidade nos levou a publicar este extrato por antecipação na Revista. Mau grado sua extensão, julgamos dever inseri-lo de uma vez, para não interromper o encadeamento das ideias. A obra inteira será do formato e do volume de Céu e Inferno.

vítimas; não é mais o Deus injusto que pune todo um povo pela falta de seu chefe, que se vinga do culpado na pessoa do inocente, que fere os filhos pela falta de seus pais, mas um Deus clemente, soberanamente bom e justo, cheio de mansuetude e de misericórdia, que perdoa o pecador arrependido e *dá a cada um segundo às suas oiros*; não é mais o Deus de um só povo privilegiado, o *Deus dos exércitos*, presidindo aos combates para sustentar a sua própria causa contra o Deus dos outros povos, mas um pai comum do gênero humano, que estende a sua proteção a todos os seus filhos e os chama todos a si; não é mais o Deus que recompensa e castiga só pelos bens terrenos, que faz consistir a glória e a felicidade na escravização dos povos mais rivais e na multiplicidade da progenitura, mas que diz aos homens: “Vossa verdadeira pátria não é neste mundo, é no reino celeste; é lá que os humildes de coração serão elevados e os orgulhosos rebaixados.” Não é mais o Deus que faz da vingança uma virtude, ordena o olho por olho, dente por dente, mas o Deus de misericórdia, que diz: “Perdoai as ofensas, se quiserdes ser perdoados; fazei o bem pelo mal; não façais a outrem o que não quereis que vos façam. ” Não é mais o Deus mesquinho e meticuloso, que impõe, sob as mais rigorosas penas, a maneira pela qual quer ser adorado, que se ofende com a inobservância de uma fórmula, mas o Deus grande, que olha o pensamento e não se honra com a forma; enfim não é mais o Deus que quer ser temido, mas o Deus que quer ser amado.

24. Sendo Deus o centro de todas as crenças religiosas, o objetivo de todos os

cultos, o *caráter de todas as religiões é conforme à ideia que elas dão de Deus*. As que dele fazem um Deus vingativo e cruel, creem honrá-lo por atos de crueldade pelas fogueiras e torturas; as que dele fazem um Deus parcial e ciumento, são intolerantes; são mais ou menos meticulosas na forma, segundo o creem mais ou menos manchado pelas fraquezas e pequenezes humanas.

25. Toda a doutrina do Cristo está fundada no caráter que ele atribui à Divindade. Com um Deus imparcial, soberanamente justo, bom e misericordioso, ele pôde fazer do amor de Deus e da caridade para com o próximo a condição expressa da salvação, e dizer: *Aí estão toda a lei e os profetas; e não há outra*. Apenas sobre esta crença pôde ele assentar o princípio da igualdade dos homens perante Deus, e da fraternidade universal.

Esta revelação dos verdadeiros atributos da divindade, junta à da imortalidade da alma e da vida futura, modificava profundamente as relações mútuas dos homens, impondo-lhes novas obrigações, fazendo-os encarar a vida presente sob uma outra luz. Era, por isto mesmo, toda uma revolução nas ideias e que, forçosamente devia reagir sobre os costumes e as relações sociais. Por suas consequências, é incontestavelmente o mais importante ponto da revelação do Cristo, e cuja importância ainda não foi suficientemente compreendida. É lamentável dizê-lo, é também aquele do qual mais se afastavam, que mais foi desconhecido na interpretação de seus ensinamentos.

26. Contudo o Cristo acrescenta: Muitas das coisas que vos digo não podeis

compreender agora; e teria muitas outras a vos dizer que não compreenderíeis. É por isso que vos falo por parábolas. Mas mais tarde *eu vos enviarei o Consolador, o Espírito de Verdade, que restabelecerá todas as coisas e vo-las explicará todas.*

Se o Cristo não disse tudo o que poderia ter dito, é que julgou dever deixar certas verdades na sombra, até que os homens estivessem em estado de as compreender. Por sua confissão, seu ensino, então, era incompleto, desde que anuncia a vinda daquele que o deve completar. Assim, ele previa que se enganassem quanto às suas palavras, que desviassem o seu ensino, numa palavra, que desfizessem o que ele havia feito, desde que todas as coisas devem ser restabelecidas. Ora, só se restabelece o que foi desfeito.

27. Porque chama ele o novo Messias *Consolador*? Este nome significativo e sem ambiguidade é toda uma revelação. Então previa que os homens necessitariam de consolações, o que implica a insuficiência das que encontrasse na crença que iam adquirir. Talvez jamais o Cristo tenha sido mais claro e mais explícito do que nestas últimas palavras, às quais poucas pessoas prestaram atenção, talvez porque tivessem evitado trazê-las à luz e aprofundar o seu sentido profético.

28. Se o Cristo não pôde desenvolver o seu reino de maneira completa, é que faltavam aos homens conhecimentos que só com o tempo poderiam adquirir, e sem os quais não podiam compreendê-lo. Há coisas que teriam parecido insensatas, no estado dos conhecimentos de então. Completar, pois, o seu ensino deve entender-se no sentido de *explicar* e de *desenvolver*, muito mais do que no de

acrescentar verdades novas; porque ali tudo se encontra em germe. Faltava a chave para compreender o sentido das palavras.

29. Mas quem ousa interpretar as escrituras sagradas? Quem tem esse direito? Quem possui as luzes necessárias senão os teólogos? Quem o ousa? Para começar a ciência, que a ninguém pede permissão para dar a conhecer as leis da natureza, e pula de pés juntos por cima dos erros e preconceitos. — Quem tem esse direito? No século da emancipação intelectual e de liberdade de consciência, o direito de exame pertence a todos, e as Escrituras não mais são a arca santa na qual ninguém ousa tocar, sem o risco de ser fulminado. Quanto às luzes especiais necessárias, sem contestar as dos teólogos e, por mais esclarecidos que estes fossem na idade média e, em particular os Pais da Igreja, contudo ainda não eram bastante para não condenar como heresias o movimento da Terra e a crença nos antípodas; e, sem ir tão longe, os dos nossos dias não lançaram anátema aos períodos da formação da Terra?

Os homens não puderam explicar as Escrituras senão com o auxílio do que sabiam, das noções falsas ou incompletas que tinham sobre as leis da natureza, mais tarde reveladas pela ciência. Eis por que os próprios teólogos, de muito boa-fé, puderam equivocar-se quanto ao sentido de certas palavras e de certos fatos do Evangelho. Querendo a todo preço aí encontrar a confirmação de um Pensamento preconcebido, giravam sempre no mesmo círculo, sem deixar seu ponto de vista, de tal sorte que aí só viam o que queriam ver. Por mais sábios que fossem esses teólogos, não podiam compreender as causas dependentes de leis

que desconheciam.

Mas quem será juiz das interpretações diversas e, muitas vezes, contraditórias, dadas fora da teologia? — O futuro, a lógica e o bom senso. Os homens, cada vez mais esclarecidos, à medida que novos fatos e novas leis vierem revelar-se, saberão separar os sistemas utópicos da realidade. Ora, a ciência dá a conhecer certas leis; o Espiritismo revela outras; umas e outras são indispensáveis à inteligência dos textos sagrados de todas as religiões, desde Confúcio e Baddha até o Cristianismo. Quanto à teologia, ela não poderia judiciosamente alegar contradições da ciência, quando nem sempre ela está de acordo consigo mesmo.

30. Partindo o Espiritismo das próprias palavras do Cristo, assim como o Cristo partiu de Moisés é uma sequência direta de sua doutrina.

À ideia vaga da vida futura, ele alia a revelação da existência do mundo invisível, que nos rodeia e povoa o espaço, e, por aí, precisa a crença; dá-lhe um corpo, uma consistência, uma realidade no pensamento.

Define os laços que unem alma e corpo, e ergue o véu que ocultava aos homens os mistérios do nascimento e da morte.

Para o Espiritismo, o homem sabe de onde vem, para onde vai, porque está na terra, porque aí sofre temporariamente e por toda a parte vê a justiça de Deus.

Sabe que a alma progride sem cessar, através de uma série de existências sucessivas, até que tenha atingido o grau de perfeição que pode aproxima-la de Deus.

Sabe que todas as almas, tendo o mesmo ponto de partida, são criadas iguais, com uma mesma aptidão para progredir, em virtude de seu livre arbítrio; que todas são da mesma essência, e que entre elas há

apenas a diferença do progresso realizado; que todas têm o mesmo destino e atingirão o mesmo objetivo, mais ou menos rapidamente, conforme seu trabalho e sua boa vontade.

Sabe que não há criaturas deserdadas, nem umas mais favorecidas que outras; que Deus não criou umas privilegiadas e dispensadas do trabalho imposto a outras para progredir; que não há seres perpetuamente votados ao mal e ao sofrimento; que aqueles designados sob o nome de *demônios* são Espíritos ainda atrasados e imperfeitos, que fazem o mal no estado de Espíritos, como o faziam no estado de homens, mas que progredirão e melhorarão; que os anjos ou puros Espíritos não são seres à parte na criação, mas Espíritos que atingiram o objetivo, depois de haverem seguido a fieira do progresso; que, assim, não há criações múltiplas de diferentes classes entre os seres inteligentes, mas que toda a criação surge da grande lei da unidade, que rege o universo, e que todos os seres gravitam para um fim comum, que é a perfeição, sem que uns sejam favorecidos à custa de outros, pois todos são filhos de suas próprias obras.

31. Pelas relações que agora o homem pode estabelecer com os que deixaram a terra, há não só a prova material da existência e da individualidade da alma, mas compreende a solidariedade que liga os vivos e os mortos deste mundo e os deste mundo com os de outros mundos. Conhece a sua situação no mundo dos Espíritos; segue-os nas suas migrações; é testemunha de suas alegrias e de suas penas; sabe porque são felizes ou infelizes e a sorte que o espera a si mesmo, conforme o bem ou o mal que haja feito. Essas relações o iniciam à vida futura, que pode observar em todas

as suas fases, em todas as suas peripécias; o futuro não é uma vaga esperança: é um fato positivo, uma certeza matemática. Então a morte nada mais tem de apavorante, porque para ele é a libertação, a porta da verdadeira vida.

32. Pelo estudo da situação dos Espíritos, o homem sabe que a felicidade e a infelicidade na vida espiritual são inerentes ao grau de perfeição e de imperfeição; que cada um sofre as consequências diretas e naturais de suas falhas, por outras palavras, que é punido por onde pecou; que essas consequências duram tanto quanto a causa que as produziu; que, assim, o culpado sofreria eternamente, se eternamente persistisse no mal, mas que o sofrimento cessa com o arrependimento e a reparação. Ora, como depende de cada um se melhorar, cada um pode, em virtude de seu livre arbítrio, prolongar ou abreviar os seus sofrimentos, como o doente sofre os seus excessos até que neles ponha um termo.

33. Se a razão repele, como incompatível com a bondade de Deus, a ideia das penas irremissíveis, perpétuas e absolutas, muitas vezes infligidas por uma única falta, suplícios do inferno, que não podem ser abrandados pelo mais ardente e pelo mais sincero arrependimento, ela se inclina ante essa justiça distributiva e imparcial, que tudo leva em conta, jamais fecha a porta de retorno e incessantemente estende a mão ao naufrago, em vez de o repelir para o abismo.

34. A pluralidade das existências, cujo princípio o Cristo estabeleceu no Evangelho, posto que sem o definir mais que muitos outros, é uma das mais importantes leis reveladas pelo Espiritismo, no sentido em que demonstra a sua realidade e a sua necessidade para o progresso. Por esta lei,

o homem se explica todas as aparentes anomalias que apresenta a vida humana; as diferenças de posição social; as mortes prematuras que, sem a reencarnação, tornariam inúteis para a alma as vidas abreviadas; a desigualdade das aptidões intelectuais e morais, pela ancianidade do Espírito, que viveu mais ou menos, mais ou menos aprendeu e progrediu e que, renascendo, traz a aquisição de vidas anteriores (N. 5).

35. Com a doutrina da criação da alma em cada nascimento, cai-se no sistema das criações privilegiadas; os homens são estranhos uns aos outros, nada os une, os laços de família são puramente carnis; não são solidários de um passado em que não existiam. Com o do nada após a morte, toda relação cessa com a vida; não são solidários no futuro. Perpetuando-se as suas relações no mundo espiritual e no mundo corporal pela reencarnação, são solidários no passado e no futuro e a fraternidade tem por base as mesmas leis da natureza; o bem tem um objetivo, o mal as suas inevitáveis consequências.

36. Com a reencarnação caem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode renascer rico ou pobre, grão senhor ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravatura, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, não há nenhum que sugere em lógica o fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda sobre uma lei da natureza o princípio da fraternidade universal, funda sobre a mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por consequência, o da liberdade.

Os homens não nascem inferiores e

subordinados senão pelo corpo; pelo Espírito são iguais e livres. Daí o dever de tratar os inferiores com bondades, benevolência e humanidade, porque aquele que é nosso subordinado hoje, pode ter sido nosso igual ou nosso superior, talvez um parente ou um amigo e, por nossa vez, poderemos vir a ser subordinado daquele a quem comandamos.

37. Tirai ao homem o Espírito livre, independente, sobrevivente à matéria, dele fazeis uma máquina organizada, sem objetivo, sem responsabilidade, sem outro freio senão a lei civil, e *boa de explorar* como um animal inteligente. Nada esperando após a morte, nada o detém para aumentar os prazeres do presente; se sofre, não tem em perspectiva senão o desespero e o nada como refúgio. Com a certeza do futuro, a de reencontrar os que amou, o *medo de rever aqueles a quem ofendeu*, todas as suas ideias mudam. Se o Espiritismo não tivesse feito senão tirar o homem da dúvida tocante a vida futura, teria feito mais por seu melhoramento moral do que todas as leis disciplinares que por vezes o contem, mas não a transformam.

38. Sem a preexistência da alma, a doutrina do pecado original não só é inconciliável com a justiça de Deus, que tornaria todos os homens responsáveis pela falta de um só, seria uma insensatez e tanto menos justificável quanto a alma não existia na época em que se pretende fazer remontar a sua responsabilidade. Com a preexistência e a reencarnação, ao nascer o homem traz o germe de suas passadas imperfeições, dos defeitos de que se não corrigiu, e que se traduzem por seus instintos inatos, suas propensões para tal ou qual vício. Aí está o seu verdadeiro pecado original, do qual naturalmente sofre todas

as consequências; mas com a diferença capital que sofre a pena de suas próprias faltas e não a da falta de outrem; e esta outra diferença, ao mesmo tempo consoladora, encorajante e soberanamente equitável, que cada existência lhe oferece os meios de se resgatar pela reparação e de progredir, quer se despojando de alguma imperfeição, quer adquirindo novos conhecimentos e isto até que, se tendo purificado suficientemente, não mais necessite da vida corporal e possa viver exclusivamente a vida espiritual, eterna e bem-aventurada.

Pela mesma razão, aquele que progrediu moralmente, renascendo, traz qualidades inatas, como aquele que progrediu intelectualmente. Esta identificada com o bem; pratica-o sem esforço, sem cálculo e, por assim dizer, sem nele pensar. O que é obrigado a combater as suas más tendências, ainda está na luta; o primeiro já venceu, o segundo a caminho de vencer. *A mesma causa produz o pecado original e a virtude original.*

(continua no próximo número)

Fonte: Kardec, A. *Revista Espírita. Jornal de Estudos Psicológicos, Ano X, Vol. 9, Set 1867, Tradução Julio Abreu Filho, Edicel, p. 261-269.*



Publicações no Boletim GEAE

Submeta artigos, textos e comentários ao Conselho Editorial do GEAE pelo e-mail: editor@geae.net.br ; Acesse nossa página (<http://geae.net.br>) para maiores informações.